

## EDU SILVA E OS PROCESSOS ARTÍSTICOS PARA A CONSTRUÇÃO DE SENSAÇÕES.

As obras de arte construídas pelo artista visual Edu Silva são resultado de seus processos de pesquisa e tem como ponto de partida questões sociais e raciais. Ao mesmo tempo, as composições projetam-se e diluem-se em manifestos artísticos, com fundamento e estrutura em procedimentos resultantes da articulação de vivências particulares em técnicas produtivas, exclusivas, inéditas e atualizadas com a realidade contemporânea.

As obras da série **Estudo sobre mestiçagem** reverberam esta combinação vivência/referência/construção. Estas associações se fazem evidentes a partir das composições abstratas em planos de cor elaborados com tinta acrílica em tela. Zonas monocromáticas irregulares disputam alternadamente espaços matizados, onde a cartografia resultante da citada delimitação reforça e valida as convicções do artista na realidade que o atinge e circunda.

Assim, as controvérsias na sobreposição de camadas auguram deslocamentos projetivos entre o caos e o vazio, entre as fissuras e a completude sensorial, em frames editados em cada obra e na concepção original delas. Os processos de criação de Silva estão fundamentados, porém não delimitados, nas vivências dele na periferia de Embu das Artes, São Paulo, Brasil e em seus inerentes conflitos de realidades entre classes sociais.

Para Edu Silva, a abordagem e representação destes temas fazem parte de sua pesquisa artística: as fissuras cartográficas e o cromatismo dos manifestos visuais convergem expressões da resistência e declaração do desejo do artista de fazer parte de um mundo sem diferenciação de cor, raça, sexo e, principalmente, do seu respeito a diversidade.

Já na série **Auto-retrato**, a formatação cromática dilui-se na relação literal entre a segregação e a mestiçagem, na experiência do artista com o outro. A manifestação se evidencia nas marcas tridimensionais das linhas diagonais que expressam-se delineadoras adirecionais de camadas pictóricas irregulares estruturadas. Ao mesmo tempo que sugere sinais de ruptura com visões topográficas de passagens e paisagens, faz transgredir sua produção artística como catalisador de processos de construção e discussão estéticas contemporâneas.

As obras foram exibidas pela primeira vez na exposição coletiva Pintura Expandida na Galeria Virgílio em 2018. O texto da mostra indicava que a projeção e transgressão das composições partiam de interstícios processuais de carga autoral acentuada: aquela sensação que, segundo o filósofo Gilles Deleuze, está no corpo, e não no ar.

*a sensação é o que é pintado. O que está pintado no quadro é o corpo, não quanto representado, mas enquanto vivido como experimentando determinada sensação<sup>1</sup>.*

O complemento e o equilíbrio na mesma dimensão dos corpos se inserem eufemisticamente nestes espaços, em intervalos de tensionamentos - os agentes artísticos contemporâneos. Revela-se assim a vontade do artista, não de reproduzir ou inventar formas, mas de captar e projetar forças, tornando-se visível na essência de Paul Klee.

Andrés I. M. Hernández  
Curador e professor. São Paulo verão de 2018

---

<sup>1</sup> Ver DELEUZE, Gilles. *Francis Bacon: Lógica da sensação*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2007